

EDITORIAL

À guisa de introdução: Letras e Transdisciplinaridade

Em que pese o fato de se tratar ainda de um periódico acadêmico recente, a linha editorial da *Caletroscópio* mantém, pelo que deixa entrever este número, um forte compromisso no que tange à valorização da *transdisciplinaridade* no campo das Letras. Ora, se, de um lado, pelo que se aqui acabou de dizer, reforça-se a vocação eclética da revista, na contracorrente da hiperespecialização universitária, a fomentar, por seu turno, maior integração entre os ramos da linguística e dos estudos literários; de outro, a *Caletroscópio* passa a constituir-se de fato um relevante contributo ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da UFOP, haja vista que, em consonância com suas linhas de pesquisa – a saber, *Linguagem e Memória Cultural e Tradução e Práticas Discursivas* –, os artigos compilados neste volume têm como linha de força estudos competentes acerca de temáticas que envolvem, ainda que indiretamente, a memória coletiva e individual – quer no plano da língua, quer no da literatura –, a linguagem em sentido *lato*, inclusive no processo de ensino/aprendizagem de língua, as práticas discursivas e a tradução.

Os autores, independentemente das diferenças teóricas e mesmo de área, debruçarem-se fortemente sobre o resgate, muitas vezes difícil – porque tudo é ruína – do passado por meio da linguagem, seja, por exemplo, mediante a reconstrução do simbólico coletivo, verdadeiro demiurgo de mitos, seja mediante a análise da língua, tanto no âmbito da reconstrução, quase arqueológica, dos processos histórico-sociais; quanto no âmbito, pantanoso amiúde, da linguística histórica, em que os autores, aventurando-se no processo diacrônico da língua, que também é vetor de complexas transformações sociais e históricas, demonstram a importância dessa área para as letras, já que potencializam a complexidade do fenômeno linguístico: a língua não é simples *medium* de comunicação, mas sofisticado sistema de signos que, imiscuindo-se no intrincado jogo das relações sociais, acompanha de perto as mudanças históricas, de modo que passa, assim, a servir de contributo a outros ramos da linguística, como a sociolinguística, a sintaxe e a semântica. As práticas discursivas e a tradução também ocupam lugar destacado,

encetando também contribuições importantes para os respectivos campos de estudo, já que os artigos aqui reunidos pressupõem, de um lado, a fundamental centralidade da linguística aplicada para o ensino da produção textual; e, de outro, da tradução não como mero exercício linguístico, mas, sim, como etapa essencial, do ponto de vista hermenêutico, da análise de poesia em língua estrangeira.

O volume abre com o artigo de Maria Antonieta Amarante Cohen, intitulado *A busca linguística em sincronias pretéritas do português: questões metodológicas*. A autora toma como elemento centrípeto da discussão que busca ensinar a *Grammatica de língua portuguesa* de João de Barros, cuja *editio princeps* data de 1540, não sem antes esboçar um muito competente balanço crítico dos estudos relacionados à diacronia no Brasil. Além da contribuição das “sincronias pretéritas” para o estudo dos desenvolvimentos diversos das variedades do português, o mérito do artigo subjaz em evitar o anacronismo, na medida em que, para se estudar gramáticas do passado, é de fundamentação importância a reconstituição de suas referências culturais. Ademais, o estudo propõe, para o futuro, a feitura de uma edição semidiplomática da *Grammatica* de João de Barros.

O estudo da diacronia é mais uma vez objeto de estudo neste número. Desta vez no artigo de André Luiz Rauber, intitulado *Usos e funções das construções fato/facto no português: evidências da gramaticalização da factualidade?*. O objetivo principal do autor é, a partir de um estudo comparativo entre o português europeu e brasileiro, discutir o uso de *fato/facto*, com vistas a demonstrar o processo de gramaticalização da expressão. Trata-se de estudo bastante arrojado que, além compulsar relevante repertório bibliográfico, aborda a estrutura *fato/facto*, em virtude de seu étimo em *faz*, em sua especificidade semântica e morfossintática, revelando, por seu turno, suas faculdades polissêmicas e multifuncionais.

Kleber Eckert e Maiquel Röhrig, no artigo *Os sobrenomes dos habitantes de Estrela-RS: um estudo onomástico*, tomando como perspectiva de estudo a onomástica e a antroponímia, têm como alvo tratar dos sobrenomes, principalmente de origem germânica, da população do município de Estrela, no Rio Grande do Sul. O trabalho, bastante interessante, consegue em linhas gerais construir, a partir da origem dos sobrenomes, um eficaz mapeamento dos processos histórico-sociais atrelados à imigração europeia na região, principalmente porque constrói espécie de esboço do lugar social

ocupado pelos imigrantes em seu país natal cujos sobrenomes, na antiga origem, guardavam a memória do desempenho de certas profissões, como parece ser comum na área germânica.

Em *O processo de revisão/reescrita textual: uma análise da proposta de livros didáticos de Língua Portuguesa*, Helena Maria Ferreira e Fernanda Aparecida Da Silva, na perspectiva própria da linguística aplicada, propõem um estudo bastante propositivo de livros didáticos de língua portuguesa no que se refere à sua proposta de ensino da produção textual, levando em consideração a importância da revisão/reescrita no ambiente escolar. As autoras percebem diversos problemas nos materiais didáticos objetos do estudo, já que eles cumprem tão-somente de modo parcial a integração entre produção de texto e revisão/reescrita textual, aspecto este fundamental para o ensino de língua portuguesa.

O estudo de Ana Carolina Silva Oliveira, intitulado *A influência do curso de Letras nas crenças do professor de língua estrangeira em formação*, trata do modo como a formação em Letras interfere nas crenças prévias de quem tem o licenciando na imagem do professor de língua estrangeira. A autora, conjugando material provindo de relatórios de estágio supervisionado e bibliografia teórica, demonstra que, em que pese a permanência ainda de certo imaginário relacionado à prática do profissional em questão, o curso é capaz de refinar e instigar o graduando a refletir acerca de sua prática docente, em virtude da bagagem teórico-cultural propiciada por sua formação em Letras.

Em *Memórias extraviadas e errantes de Belo Horizonte*, Geison de Almeida Bezerra da Silva põe no centro do debate o que denomina “disputa simbólica” entre o discurso oficial e aquele ensejado por poetas e artistas acerca da capital mineira. Ainda que o referido tom agonístico crie, em princípio, a impressão de apagamento do discurso do outro ou mesmo toque em questões importantes para a delimitação da ideia do cânone, é fato que a demonstração do autor leva a crer que Belo Horizonte pode ser comparada a uma *polis*: mais do que representação do ordenamento urbano, os diversos discursos, centrais e periféricos, contribuem para a formação, à maneira de um mosaico, do universo espiritual da cidade.

No diligente artigo de Ruth Silviano Brandão – *Fantasmagorias e fantasmas em dois romances de Rui Mourão: Boca de Chafariz e Quando os demônios descem o morro*, a leitura da autora, que expertamente conjuga, no esforço analítico, autores da

envergadura de Benjamin e Luciano, ligando, portando, duas pontas da crítica intelectual separadas por séculos, propõe-se a estudar o caráter polissêmico e polifônico dos fantasmas de Rui Falcão presentes na tessitura ficcional de seus romances que, à maneira de um curto-circuito, promovem o entrecruzar de fantasmagorias, barroco mineiro, história e melancolia.

O volume se encerra com *Lendo Sylvia Plath: poesia e paradigma*, em que Júlia Côrtes Rodrigues problematiza, com fina argumentação, a relação que a crítica amiúde estabelece entre a obra da poeta e o tom confessional de autores como Robert Lowell e Anne Sexton, propondo uma leitura alternativa, tomando como ponto de partida a análise do poema *Lady Lazarus*, que colabora para a ampliação do leque de possibilidades de compreensão dos poemas de Sylvia Plath, privilegiando, pois, o diálogo que perfaz com Auden e T. S. Eliot. Além da análise, que conta ainda com farto balanço bibliográfico, a autora traduz em língua portuguesa o referido poema de Plath: ainda que, em alguns momentos, evite o ritmo cadenciado e comedido da dicção do original, a tradução possui muitas qualidades, sobretudo porque mantém os cortes sintáticos bruscos dos versos mediante sucessivos *enjambements*.

Os editores